



FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

DE BRAÇOS ABERTOS PARA O FUTEBOL AMERICANO: A POPULARIZAÇÃO
DO ESPORTE E O AUMENTO DA PRÁTICA NO RIO DE JANEIRO

Grande Reportagem

Ange Rangel Biniou

Rio de Janeiro
2015

Faculdades Integradas Hélio Alonso

Jornalismo

DE BRAÇOS ABERTOS PARA O FUTEBOL AMERICANO: A POPULARIZAÇÃO
DO ESPORTE E O AUMENTO DA PRÁTICA NO RIO DE JANEIRO

Ange Rangel Biniou

Relatório Técnico-Científico apresentado ao
Curso de Jornalismo das Faculdades
Integradas Hélio Alonso, como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo.

Orientadora: Ivana dos Santos Gouveia

Rio de Janeiro
2015

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação

Biniou, Ange Rangel.

De braços abertos para o futebol americano: a popularização do esporte e o aumento da prática no Rio de Janeiro / Ange Rangel Biniou.- Rio de Janeiro: FACHA, 2015.
44 f. :il.

Orientador: Ivana dos Santos Gouveia.

Relatório Técnico-científico (Graduação em Comunicação Social- Jornalismo) FACHA, 2015.

1.Futebol americano. 2.Rio de Janeiro. 3.Futebol de americano de areia. I. Gouveia, Ivana. II. FACHA. III.Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que pacientemente me apoiaram nessa jornada, a minha namorada Ana Teresinha, pelo suporte e incentivo nos momentos difíceis durante este período, aos amigos que ofereceram ajuda e acreditaram em mim, à Faculdade CCAA onde aprendi a base do jornalismo e a Facha por me qualificar oficialmente como jornalista.

A excelência é obtida quando você se importa mais do que os outros julgam ser necessário, se arrisca mais do que os outros julgam ser seguro, sonha mais do que os outros julgam ser prático, e persiste mais do que os outros julgam ser possível.

Vince Lombardi (1913 – 1970, primeiro treinador campeão do Super Bowl)

DE BRAÇOS ABERTOS PARA O FUTEBOL AMERICANO: A POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE E O AUMENTO DA PRÁTICA NO RIO DE JANEIRO

RESUMO

Com o objetivo de evidenciar a presença do futebol americano na cidade do Rio de Janeiro, o presente estudo aborda questões acerca do crescimento do esporte. Devido à falta de apelo midiático, o material a respeito do tema é bastante precário, e o pouco do que se encontra tem uma base rasa de dados ou, até mesmo, sem credibilidade. Desta forma, a realização do produto se tornou viável por meio de muito estudo, sites confiáveis e entrevistas com pessoas que atuam diretamente com o futebol americano. A partir da colaboração de atletas que praticam a modalidade - na areia e na grama - e do especialista e comentarista dos canais ESPN, Paulo Mancha, foi possível traçar um histórico de crescimento em dois quesitos: telespectadores e praticantes. Este fato se deve, principalmente, pelo aumento expressivo do número de assinantes da TV fechada, que não só passaram a dar audiência para o futebol americano em si, mas também se encantaram com um dos maiores espetáculos do mundo, a final da National Football League (NFL), popularmente conhecido como Super Bowl. Na Cidade Maravilhosa, o futebol americano que por um bom tempo fez sucesso nas areias, busca a profissionalização, migrando para o campo e participando de competições nacionais, que obrigam a utilização de equipamentos similares aos utilizados nos Estados Unidos, chamados de full pads. Nesta transição, o Rio de Janeiro tem demonstrado sua força, sendo até a capital do esporte no Brasil, com equipes campeãs nas competições nacionais tanto no masculino, quanto no feminino e colocando o maior número de atletas que atuam em solo carioca, na seleção brasileira.

Palavras-chave: Futebol Americano, Rio de Janeiro, Futebol Americano de Areia, Popularização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 DESENVOLVIMENTO	10
2.1 TRABALHO DE CAMPO	11
2.2 COLETA DE DADOS E ENTREVISTAS	13
2.3 PRODUÇÃO TEXTUAL	14
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
4 REFERÊNCIAS	17
5 GLOSSÁRIO	18
6 APÊNDICES	20

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo possui como objetivo investigar como se deu a disseminação do futebol americano na cidade do Rio de Janeiro, tanto em relação ao número de fãs, quanto à quantidade de praticantes do esporte. A partir de fontes fidedignas, como Paulo Mancha¹, comentarista dos Canais ESPN, e atletas de diferentes equipes foi possível a obtenção de dados e informações, proporcionados pelas entrevistas realizadas, dando credibilidade ao material produzido.

Após me tornar um grande admirador e praticante do futebol americano – grama e areia – vislumbrei a possibilidade de escrever acerca da temática, no intuito de propagar, cada vez mais, a cultura do esporte para as demais pessoas. É notável a sua crescente no estado do Rio de Janeiro, na medida em que é perceptível a sua prática nas areias do Leme, de Botafogo e da Ilha do Governador, sem contar com aqueles que preferem a grama como palco do jogo. Na televisão, canais como a ESPN e Esporte Interativo apostam em sua audiência, pois acreditam que os fãs crescem dia após dia.

O futebol americano, por ser bastante democrático, aceita pessoas de diferentes estereótipos, no entanto, na maioria das vezes, são os jogadores “grandões” e “pesados” que chamam mais atenção, pelo fato de ser um esporte de contato. Por conta disso, muitos o confundem com o Mixed Martial Arts (MMA), mas só quem realmente se interessa em conhecer e assistir consegue fazer essa distinção, comparando o esporte até mesmo com xadrez. Em março de 2015, o Jornal Nacional contribuiu negativamente para esta mentalidade, ao realizar uma matéria anunciando a aposentadoria de um atleta de 24 anos, Chris Borland, que optou por interromper uma promissora carreira por precaução, devido ao elevado número de jogadores que sofreram concussões na Liga Profissional Americana. Na tentativa de mudar essa concepção, busco, por meio deste trabalho, construir uma

¹ Paulo D'Amaro (São Paulo, 1968), mais conhecido como Paulo Mancha, é jornalista e comentarista esportivo. Formou-se em jornalismo pela USP em 1991 e atuou como repórter e editor em diversas publicações da Editora Abril, Editora Globo e Editora Peixes. Atua na televisão como comentarista de futebol americano desde 2006, tendo colaborado com os canais de televisão Bandsports e Esporte Interativo (cobertura do Super Bowl 45). Atualmente, faz parte da equipe da ESPN Brasil. Em dezembro de 2009, tornou-se membro da Professional Football Researchers Association (PFRA) e desde então tem feito palestras sobre futebol americano por todo o país. Fonte: Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Mancha. Acesso em: 10/05/2015.

ponte entre os leitores e o futebol americano para melhor informar e fortalecer ainda mais o esporte no Rio de Janeiro.

2. DESENVOLVIMENTO

A idéia inicial de tema a ser abordado na realização do trabalho de conclusão de curso (TCC) seria o futebol de origem inglesa. No entanto, ao pesquisar acerca do assunto, me deparei com centenas de publicações, justamente, tratando de pontos que pensei em analisar. Dessa forma, pude perceber que o que viria a ser produzido não iria acrescentar muitos fatos novos ou surpreender alguém, por conta disso, outra temática veio em voga a minha mente: a presença do futebol americano no Rio de Janeiro. Assim, o que antes era tratado como lazer, se tornou objeto de estudo. Como o assunto é bastante abrangente, me vi obrigado a limitar o âmbito de pesquisa à popularização do futebol americano no Rio de Janeiro e no constante aumento da prática do esporte.

Após a definição do quesito mais importante, o tema, foi necessário um misto de comprometimento, organização e leitura para a sequência do trabalho. Apenas conhecer o futebol americano praticado nos Estados Unidos não bastava. Nessa esteira, foi necessário um estudo empírico para conhecer mais de perto a respeito daquilo que eu escreveria. Com alguns treinos na areia e na grama foi possível obter contatos que, futuramente, iriam ser porta-voz do jogo em solo carioca. Todavia, ainda seria necessária a inclusão de relatos de uma autoridade no assunto, a fim de representar maior credibilidade que os demais. O entrevistado foi o jornalista e comentarista dos canais ESPN, Paulo Mancha.

Através da experiência que tive com o esporte, dos dados e das respostas das fontes foi necessária uma compilação do material adquirido para dar continuidade ao processo. Baseado em leituras de matérias de jornais e de revistas, de blogs e de sites oficiais e não oficiais, pude separar e apurar o que era real e especulação para concluir fatos que estariam presentes para enriquecer as informações da grande reportagem.

2.1. TRABALHO DE CAMPO

Assim como Tomás Chiaverini² em sua obra *Cama de Cimento* (2007), de uma maneira menos drástica, passei cerca de um mês e duas semanas treinando com times de futebol americano de areia e grama. Em seu livro, o autor vive na pele o cotidiano de um sem teto, que ele acredita estar nas ruas por opção. Não dormi no chão, mas fui alvo de muitos “encontrões” e “pancadas”, no entanto, com certeza sem as colisões, a matéria estaria desfalcada de informações que não estão em sites e livros. Esse contato, assim como confirma Manuel Carlos Chaparro (2012), se torna imprescindível na obtenção de um bom resultado.

A proximidade é um atributo essencial de noticiabilidade de qualquer facto ou fala relevante da atualidade – proximidade não apenas física, mensurável, mas principalmente proximidade abstrata em relação ao universo de interesses das pessoas e dos grupos sociais (CHAPARRO, Carlos, 2012, págs. 3 e 4).

Em maio de 2014, iniciei a jornada por meio da rede social Facebook e busquei saber das principais equipes do Rio de Janeiro que disputavam o Carioca Bowl, principal competição de futebol americano de areia do Rio de Janeiro. Rapidamente, foi possível encontrar oito participantes: Rio de Janeiro Sharks³, Islanders⁴, Ipanema Tatuís⁵, Botafogo Mamutes⁶, Ilha Avalanche⁷, Piratas de Copacabana⁸, Falcões⁹ e Cabo Frio Rocks¹⁰. O critério de escolha se deu por conta do time mais preparado e seguindo esta premissa, o Sharks levou vantagem, não à toa foi o campeão da edição. Durante três semanas, a praia de Botafogo se tornou minha casa. Com treinamentos de até quatro horas aos fins de semanas, percebi quão sério o jogo é levado pelos praticantes. Estar presente no campo de estudo,

² Tomás Chiaverini é escritor e jornalista. Autor do livro-reportagem *Cama de Cimento*. Como repórter, colaborou para diversos meios de comunicação, entre eles *Folha de S.Paulo*, revista *Piauí*, revista *Retrato do Brasil* e revista *Carta Capital*. Na televisão, foi produtor, editor de texto e, posteriormente, editor-chefe do programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Fonte: LinkedIn. Disponível em: <https://br.linkedin.com/pub/tom%C3%A1s-chiaverini/38/8b7/2a0>. Acesso em: 14/05/2015.

³ <https://www.facebook.com/rjsharks>

⁴ <https://www.facebook.com/insulanos>

⁵ <https://www.facebook.com/ipanematatuis>

⁶ <https://www.facebook.com/botafogomamutes>

⁷ <https://www.facebook.com/IlhaAvalanche>

⁸ <https://www.facebook.com/pages/Piratas-de-Copacabana/189404437775762>

⁹ <https://www.facebook.com/falcoesfa>

¹⁰ <http://www.facebook.com/CaboFrioRocks>

não só como atleta, mas também como observador serviu para o aparecimento de informações, até inusitadas, o que parece natural aos olhos de Robert Yin (1989): "Estas evidências geralmente são úteis para prover informações adicionais sobre o tópico em estudo." (YIN, 1989, p.91). A metodologia foi fundamentada em três etapas: sondagem, análise de conteúdo e observação. Neste pouco tempo pude conhecer algumas dificuldades, tais como, a falta de apoio, e desta forma, pude perceber que os jogadores são os principais incentivadores, pois muitos deles viajam da região dos lagos até Botafogo para simplesmente treinar, às vezes caravanas de atletas chegavam e ao fim das atividades o time juntava dinheiro para colaborar na volta para casa dos companheiros. Os responsáveis pela arbitragem das partidas também são os atletas, em contrapartida, vale ressaltar que a FeFARJ (Federação de Futebol Americano no Rio de Janeiro) oferece uma clínica de arbitragem. Com a ida de muitos atletas da areia para a grama, fica mais evidente que o beach football vive da paixão dos seus praticantes.

Se a experiência na areia foi proveitosa, a no campo foi ainda mais. A minha entrada no meio, com fins jornalísticos pode ser definida pelos autores Goode e Hatt (1969) como: "Um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado" (p.422). A migração da areia para grama se fez necessária, pois é tratada como a profissionalização do futebol americano no estado. Nesse caso, não foi possível repetir o método adotado na escolha do clube, isso porque as principais equipes só aceitam novos atletas a partir de um exame de seleção, chamado de try-out. Após algumas sondagens com pessoas próximas e pesquisas acerca dos demais times do Rio, foi necessária uma saída da zona de conforto, afinal, segundo Yin (1969) "O objetivo final da análise é o de tratar as evidências de forma adequada para se obter conclusões analíticas convincentes e eliminar interpretações alternativas" (p. 106). Assim, minha próxima missão foi no Niterói Federais, pois lá eu encontraria as informações mais precisas que embasariam as minhas argumentações. Em fevereiro de 2015, do outro lado da Ponte Presidente Costa e Silva, toda quinta-feira e sábado, a única equipe de futebol americano (grama) de Niterói realizava treinos táticos e físicos, respectivamente. As atividades que ocorriam no campo da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Gragoatá, eram bastante desgastantes, ainda mais aos sábados, em que o treinamento tinha início às 14h e terminava às 17h. Todo esse sacrifício teve retorno, afinal, mesmo

que ausente no produto desenvolvido, por motivos pessoais, pude acompanhar de perto o treinador do Federais, Felipe Neves, que também possui o cargo de Diretor de Futebol Americano do Vasco, time campeão nacional da modalidade. A partir do momento que estive em contato com o técnico e com o plantel para começar a minha última experiência de campo, que admito ter gostado muito, tive certeza que estava no caminho certo para a execução do TCC. O esporte também não era jogado com full pad, devido ao preço elevado dos equipamentos, mas estava no projeto da diretoria, até porque, o full pad é a profissionalização do futebol americano no país.

2.2. COLETA DE DADOS E ENTREVISTAS

Sem dúvidas, esta foi a etapa que mais exigiu dos meus esforços, visto que busquei fazer algo sem muitos antecedentes, logo também não pude contar com um extenso material de pesquisa. Se em livros e revistas o assunto é quase nulo, a internet, em contraponto, contém muito, mas focado no conteúdo histórico. Blogs e sites serviram de grande referência em alguns momentos, mas nada que utilizei como base foi acrescentado sem antes apurar. Como alega Ricardo Noblat (2008), “Apurem mais informações do que irão precisar para escrever alguma notícia ou reportagem. É melhor mandar informação para o lixo do que descobrir, na hora de escrever, que está faltando alguma coisa”.

Durante a obtenção dos dados dei prioridade a sites de grandes veículos, como ESPN, Globo Esporte e Lancenet, os dois últimos ofereceram um material muito raso, havia apenas informações acerca de assuntos mais populares como Super Bowl ou sobre o quarterback do New England Patriots, Tom Brady (marido da ex-modelo brasileira, Gisele Bündchen). Para dar maior credibilidade a matéria, também pesquisei muito na AFAB (Associação de Futebol Americano do Brasil) e do Torneio Touchdown, que seriam as autoridades que cercam o tema. Ainda assim, exerci o papel de um estudante de jornalismo, pois até nestes sites era possível encontrar alguns erros, que localizei após um tempo de apuração. Pode-se dizer, que seguindo o conceito de Luiz Amaral (2008), meu trabalho chegou a ter traços de um jornalismo investigativo.

Por que jornalismo investigativo? Talvez para diferenciar do jornalismo acomodado, monótono, marasmático, do apanhador de press releases e anotador de declarações oficiais. Do tipo que a qualquer novidade a única iniciativa é ouvir a autoridade responsável, sem questionar a veracidade das informações. (AMARAL, Luiz, 2008, p. 47).

Para a elaboração das entrevistas fui atrás de pessoas ligadas ao esporte no Rio de Janeiro e alguém que pudesse ser a autoridade do assunto, desta forma, daria maior credibilidade ao texto. A presença de mais de um entrevistado serve para apresentar diferentes angulações acerca da temática. Os entrevistados para realização do TCC foram Lucas Marques, 23 anos (Contador e jogador do Rio de Janeiro Sharks), Raffael Silva, 23 anos (Estudante, jogador do RJ Sharks e do Flamengo F.A.), Fernanda Pessanha, 30 anos (Assessora de Imprensa e jogadora do Cariocas F.A.) e Paulo Mancha, 47 anos (especialista e comentarista dos canais ESPN). Medina (2000) categoriza a maneira que as entrevistas foram realizadas como enquete, em que o tema é o fundamental da pauta, para ela apenas uma pessoa também não basta para dar formato de enquete especializada. Enquanto Amaral (2008) trata como entrevista de apuração, que tem como objetivo esclarecer um interesse imediato.

Para cada um preparei cerca de cinco perguntas e todas foram respondidas por e-mail. Lucas e Raffael foram abordados pessoalmente, já a Fernanda fiz contato pela página oficial do Cariocas F.A., no Facebook. Paulo Mancha, pela dificuldade regional (trabalha em São Paulo e viaja constantemente a trabalho), se fez necessária a obtenção de respostas via internet. Outros entrevistados não responderam, ou postergaram tanto que quando foi feito o envio a matéria já havia sido fechada.

2.3. PRODUÇÃO TEXTUAL

Com base no material adquirido, antes de começar a escrever, foi preciso conectar os pontos para que tudo fizesse sentido, fazendo até mesmo uma linha do tempo, análise dos números que havia conseguido. Do mesmo jeito que Coimbra (1993) descreve na seguinte passagem: “[...] sua característica fundamental é de conter os fatos organizados dentro de uma relação de

anterioridade e posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas".

A partir de então foi dada a largada, começava a ser escrita a reportagem sobre tudo que havia preparado, e não era para ser uma postagem em um blog, era uma notícia. Para a revista *Colliers Weekly*, citada na obra de Luiz Amaral (2008), a definição de notícia é "tudo que o público precisa saber, tudo aquilo que o público deseja falar, quanto mais comentários suscite maior o seu valor [...] A essência da notícia é o interesse público".

Estatísticas impressionantes cercam o futebol americano e, às vezes, números falam mais que palavras, desse modo, de forma conveniente, o texto se iniciou com a presença do Brasil, em terceiro lugar, no ranking de países que possuem mais fãs do esporte. No decorrer do texto, os títulos, de maneira criativa, buscam interagir com o Rio de Janeiro, para que o leitor, mesmo se informando sobre o jogo de futebol americano, possa manter a ideia da Cidade Maravilhosa viva em sua cabeça. Após passar por todos os temas, a reportagem termina com fatos sobre a seleção da modalidade e na frase final uma parte do hino brasileiro, para tentar vincular a ideia de que o futebol americano já faz parte do nosso país, quem sabe de alguns anos da nossa cultura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo foi constatado que, apesar de muito distante do ideal de propagação do futebol americano no Rio de Janeiro, os cariocas estão, cada vez mais, se interessando não só pelo esporte como entretenimento, mas também pela prática. O futebol jogado com as mãos teve sua origem nas praias e ganha espaço no Leme, em Botafogo e até na Ilha do Governador, chamando a atenção de quem caminha pela orla.

Na grama, o esporte evolui lentamente, pois os equipamentos para disputar as partidas, denominados de full pad, têm um alto custo, entretanto, é sua utilização que possibilita que o futebol americano se profissionalize no estado. Atualmente, três equipes cariocas masculinas – Botafogo Reptiles, Flamengo F.A. e Vasco Patriotas – jogam a principal competição nacional da modalidade, o Torneio Touchdown, sendo que o último conquistou a edição de 2014, enquanto os outros

dois foram eliminados em fases finais. No feminino, a única equipe do Rio de Janeiro que participa do maior campeonato do Brasil, o Cariocas F.A., levantou a taça, consagrando-se campeão do End Zone.

Exemplo de sucesso, o futebol americano profissional disputado nos Estados Unidos inspira fãs de todo mundo, inclusive, no Brasil que, por sua vez, postula a terceira colocação entre os países que mais assistem a NFL. A National Football League tem o poder de atrair diversos admiradores do esporte, pois a qualidade de equipes que disputam a mais famosa competição do planeta é enorme.

O Super Bowl tem a função de capturar aqueles que não são chegados ao jogo, mas que não resistem ao show proporcionado no intervalo, fazendo com que muitos se rendam ao futebol americano quando passam a compreender o mínimo das regras. Artistas da mais alta estirpe competem por 20 minutos que serão inesquecíveis para sua carreira, pois não existe show que tenha tamanha abrangência demográfica, como o evento. Nomes como Michael Jackson, U2 e Madonna já figuraram nestes palcos, imortalizando as suas edições e suas carreiras.

Acredito que com a realização deste trabalho pude auxiliar, obviamente no que foi possível, na disseminação deste esporte, que tanto admiro, no Rio de Janeiro. Com as entrevistas e levantamento de dados enriqueci meus conhecimentos acerca do tema. Ao valorizar bastante o jogo, me ative por muito tempo limitado aos Estados Unidos, sem, no entanto, perceber que perto de mim esta cultura já estava sendo difundida. Hoje, posso facilmente constatar que não estou sozinho, pois o futebol americano não faz parte apenas da minha vida, como também de muitos cariocas.

4. REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. Jornalismo matéria de primeira página – 6ª Ed. Atualizada e aumentada - Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2008.

CHAPARRO, Carlos. Jornalismo de causa? O jornalismo é uma causa!, O Xis da questão - Mídia, Jornalismo e actualidade - in <http://www.oxisdaquestao.com.br/utilitarios/FCKeditor/UserFiles/File/Jornalismo%20de%20Causas.pdf>, publicado em 2012 (Consultado 17/05/2015)

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem no jornalismo impresso. São Paulo: Ática, 1993

MEDINA, Cremilda Araújo. Entrevista - O diálogo possível. São Paulo: Ática, 2000

GOODE, W. J. & HATT, P. K. - Métodos em Pesquisa Social. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

NOBLAT, Ricardo. A Arte de Fazer um Jornal Diário. São Paulo, Editora Contexto, 2008.

YIN, Robert. Case Study Research - Design and Methods. Sage Publications Inc., USA, 1989.

Site da Associação Brasileira de Futebol Americano. Disponível em: <http://afabonline.com.br>. Acessado em 13/04/2015.

5. GLOSSÁRIO

Billboard - É uma revista semanal norte-americana especializada em informações sobre a indústria musical.

Center - É uma posição do futebol americano, que se localiza no centro da linha ofensiva. O Center é o grande líder da linha ofensiva, comandando os demais jogadores e também lendo a defesa adversária, alertando os seus companheiros em caso de mudança de jogada.

Cornerbacks – É uma posição do futebol americano responsável por cobrir os recebedores, além de defender contra corridas, impedir passes e também atacar o quarterback adversário junto com seus companheiros.

End Zone - A end zone é a área entre a end line e a goal line delimitada pela linha lateral. É na endzone que se pontua no futebol americano.

Full Pad - É o equipamento utilizado pelo atleta de futebol americano que serve de proteção à integridade física do mesmo.

Guard - É um jogador de linha ofensiva que atua entre o center e os tackles. A função do guard é proteger seu quarterback dos ataques da linha defensiva e dos linebackers durante as jogadas de passe, além de abrir caminho para os running backs passarem.

Kicker - É uma posição do futebol americano que atua no time de especialistas cuja responsabilidade é chutar os field goals, extra points e, como na maioria dos casos, fazer os kickoffs.

Playoff - É um tipo de decisão em certos esportes profissionais americanos, para determinar qual de duas equipes se qualificará para um torneio de pós-temporada.

Punter - É uma posição do futebol americano que atua no time de especialistas cuja responsabilidade é fazer o chute de devolução.

Quarterback - É uma posição do futebol americano, o jogador que faz essa função é o cérebro do time. Dita as táticas (tipicamente escolhidas pelo técnico). No começo da jogada, ele será posicionado atrás do Center para receber a bola. Durante a jogada, ele pode dar a bola a um Running Back, lançar a bola, ou carregar a bola.

Running Back - É uma posição do futebol americano, eles se posicionam atrás do Quarterback ou, às vezes, atrás e um pouco ao lado, no início de cada jogada. Os Running Backs podem bloquear protegendo o Quarterback, ou se deslocarem para receber passes.

Safety - É uma posição do futebol americano que possui duas variações, o free safety (FS) e o strong safety (SS). O dever de cada um em campo varia com o esquema defensivo de cada jogada. A responsabilidade do safety na defesa e a do cornerback normalmente envolve cobrir os passes em profundidade e fazer tackles.

Super Bowl - É a decisão do campeão da temporada. É também um evento que apresenta a publicidade mais cara da televisão; patrocinadores desembolsam pequenas fortunas para exibirem suas propagandas no intervalo. A cidade sede do evento é escolhida previamente pela NFL independentemente se o time da cidade participará ou não da final.

Tackle - É uma posição do futebol americano que pode ser considerada, talvez, a posição mais importante da linha ofensiva, por ter a responsabilidade durante jogadas de lance, a função de proteger o lado para o qual o Quarterback está virado de costas.

Tight End - É uma posição do futebol americano que atua na linha ofensiva, mas além de sair para receber passes, também pode ficar para proteger e segurar a linha defensiva.

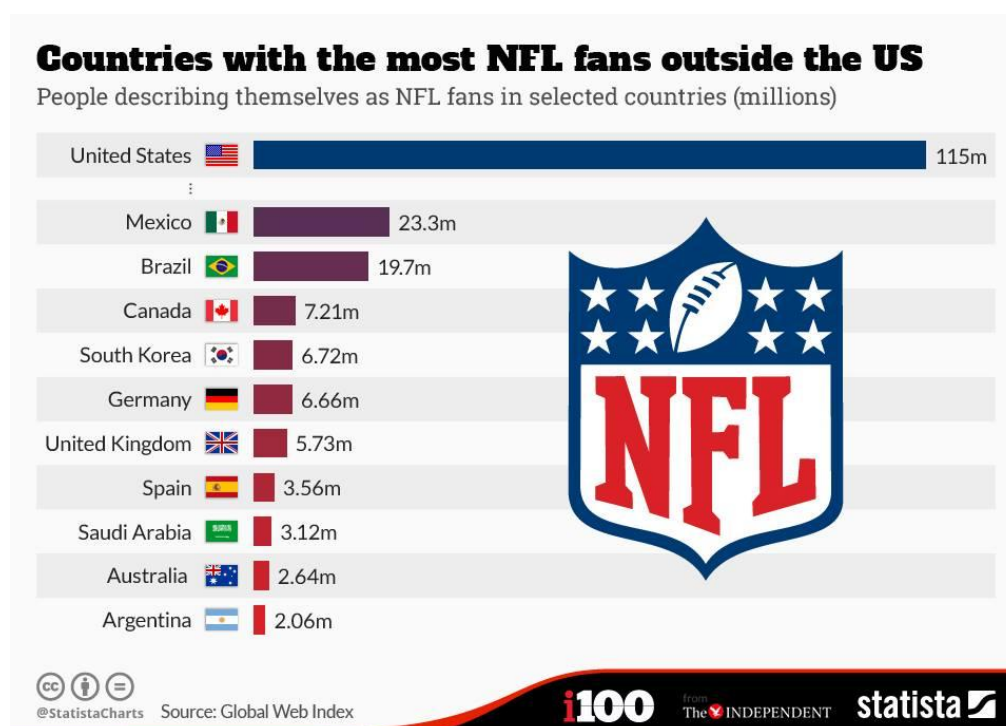
Touchdown - É uma pontuação do futebol americano. Ela vale 6 pontos e é conseguido com o jogador cruzando a linha de gol (entrando na end zone) sem ser obstruído.

Wide Receivers - É uma posição do futebol americano que exige velocidade para se movimentar em rotas curtas e longas para receber ou corrigir passes.

APÊNDICE A GRANDE REPORTAGEM

De Braços Abertos para o Futebol Americano

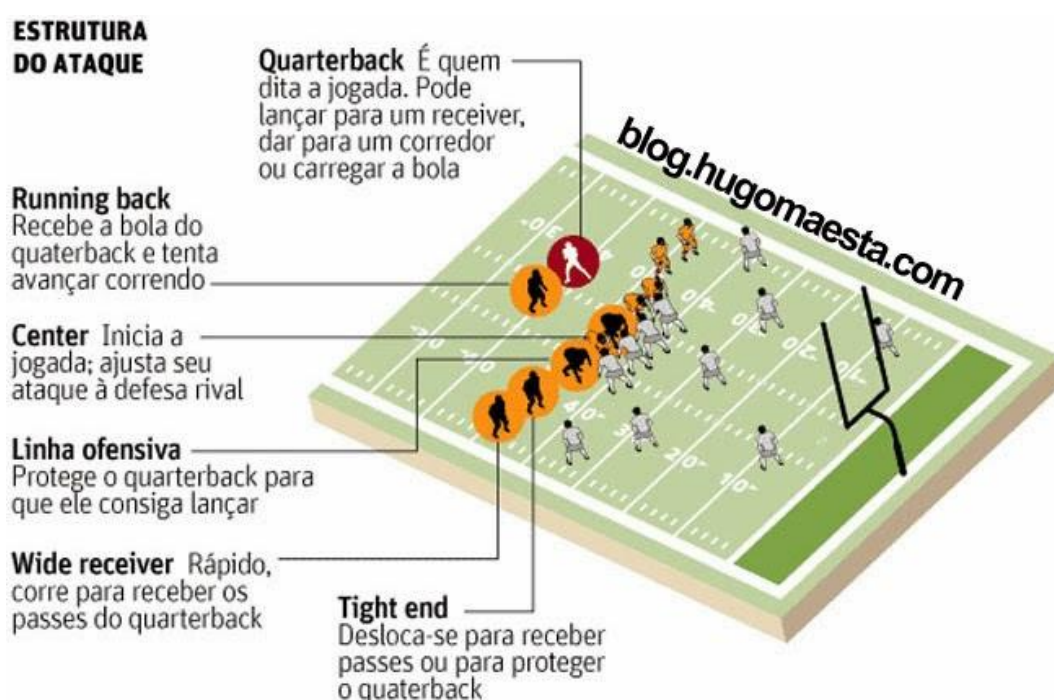
Com cento e quinze milhões de fãs nos Estados Unidos, com pouco mais de vinte e três milhões no México e com quase vinte milhões no Brasil, o futebol americano vem invadindo fronteiras e vem conquistando não só telespectadores, como também praticantes do esporte. Os números são bastante expressivos e isso torna engraçado imaginar que o Brasil, famoso pelo seu futebol jogado com a bola nos pés, está se aventurando com ela nas mãos.



Países com maiores números de fãs na NFL, Brasil é o 3.o lugar
(Fonte: The Independent / Statista)

O jogo, que não é simples, muitas vezes chega a ser comparado com o xadrez por conta de várias opções de jogadas com o objetivo de surpreender o adversário para ganhar território e, conseqüentemente, pontuar. O rei do tabuleiro, isto é, o principal jogador, é o *quarterback*, pois ele que comanda as ações ofensivas e é responsável pelos passes cirúrgicos que ajudam sua equipe a avançar jardas (unidade de comprimento no sistema de medidas adotado pelos Estados Unidos) até a linha de fundo adversária, conhecida como *end zone*, com o intuito de marcar o *touchdown*.

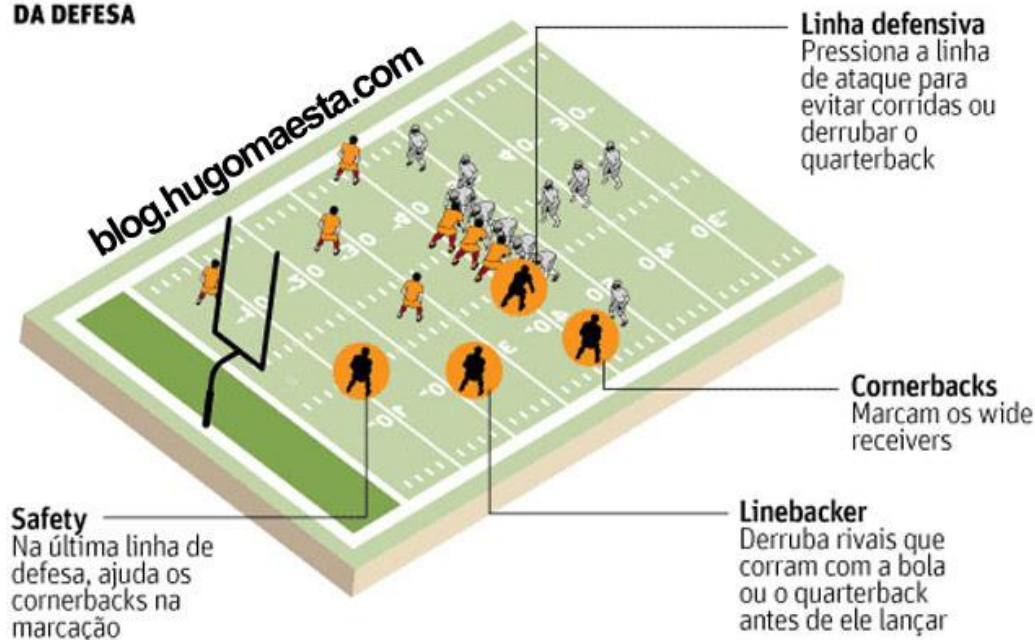
Uma das poucas semelhanças que tem com o futebol, é que em campo são onze contra onze. Mas quando se trata de futebol americano, nada é tão simples, já que em cada jogo rotacionam três times dentro de uma única equipe. Basicamente, há os jogadores destinados ao ataque, os com habilidade de defesa e os que pertencem ao grupo especial. O *quarterback* comanda o ataque com o apoio dos *running backs*, *wide receivers* e *tight ends*. Ainda dentro deste plantel, existe a linha ofensiva, composta de um *center*, dois *guards* e dois *tackles*, que tem como objetivo proteger o portador da bola, seja para uma corrida ou seja para um lançamento.



Formação da linha ofensiva
(Fonte: Blog hugomaesta)

Já a defesa é composta de uma linha que busca abrir buracos na ofensiva adversária, para que *linebackers* possam atingir o *quarterback* ou, pelo menos, atrapalhem jogadas de passe. *Cornerbacks* e *safeties* fecham essa parte do elenco, tendo como principal função impedir que os passes sejam completos ou que jogadores avancem jardas. Por fim, mas não menos importante, o time especial. A responsabilidade destes especialistas é viabilizar que seu companheiro, seja ele o *kicker* ou o *punter*, execute um chute limpo, sem que o adversário atrapalhe. Vale ressaltar, que se existe um time especial realizando esta tarefa, também há outro para tentar impedir que ela seja bem sucedida.

ESTRUTURA DA DEFESA



Formação da linha defensiva
(Fonte: Blog hugomaesta)

Tanto na grama, quanto na praia, o tempo é dividido em quatro períodos, sendo 15 minutos para cada, tendo um intervalo entre o segundo e o terceiro tempos de, em média, dez minutos. A partir destas informações, talvez, com uma conclusão precipitada, pode-se imaginar que o jogo acaba rápido, o que é um erro, pois o relógio para quase que a todo instante, seja por marcação de faltas ou porque o jogador sai de campo com a posse da bola. Enfim, são muitos os motivos que interrompem o espetáculo. A partida, por sua vez, acaba se tornando uma prazerosa maratona, com três horas de duração.

A Popularização “Do Leme ao Pontal”

Em poucas palavras, o jornalista e comentarista de futebol americano dos canais ESPN, Paulo Mancha (47), explicou um dos motivos do estrondoso sucesso do esporte no país.

“Primeiro, ao avanço da TV por assinatura. Segundo, à decepção com o nosso futebol. As pessoas estão cansando dessa monocultura esportiva em que vivemos”, observa Mancha. Esta conclusão fica ainda mais clara no Rio de Janeiro, onde o Campeonato Estadual há anos apresenta uma média de público bastante fraca. Em 2015, a competição teve média de 4.442 pagantes, sendo melhor que a

do ano passado que registrou 2.828. No entanto, é com o aumento de assinantes da televisão a cabo que o crescimento fica óbvio.

“Basicamente porque a TV por assinatura tem flexibilidade de grade horária para exibir o esporte. A ESPN, por exemplo, exibe seis jogos da NFL ao vivo por semana. Dessa forma, quem nunca viu o esporte, uma hora acaba sendo fisgado enquanto troca de canal. E aí se apaixona. Numa emissora de TV aberta, isso seria impossível, pois o futebol americano disputaria horário com novelas, programas de auditório e jogos de futebol brasileiro”, completa o comentarista.

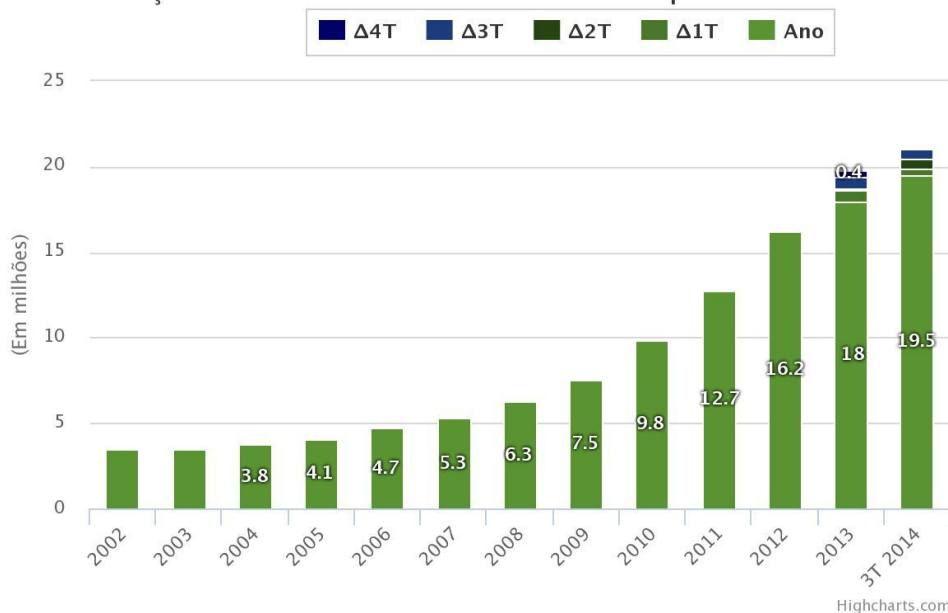
O Futebol Americano teve sua primeira aparição na televisão brasileira no final dos anos 60. As transmissões dos jogos, que não eram ao vivo, ficaram oito meses no ar, entretanto, com a aproximação da Copa do Mundo de Futebol em 1970 veio a queda na audiência. O retorno da modalidade no Brasil foi em 1980 com a TV Bandeirantes e o saudoso Luciano do Valle. Foi somente em 2006 que o futebol jogado com as mãos veio para ficar com as exibições de jogos e comentaristas brasileiros especializados nos canais ESPN Brasil e BandSports.

Em 2006, o futebol americano tinha sete horas semanais de programação na televisão brasileira. Já em 2014, esse número subiu para 41 horas, contando com a transmissão de oito jogos por semana, dois programas sobre o esporte, “abre o jogo” de partidas na ESPN e três jogos por semana no Esporte Interativo.

O aumento significativo de tempo dedicado ao futebol americano nestes canais não foi de repente. German Von Hartenstein, que é diretor geral da ESPN no Brasil, afirmou em entrevista ao site do “O Globo”, realizada no dia 25 de janeiro de 2015, que a audiência das transmissões aumentou - nada mais, nada menos - que 800% nos últimos três anos.

De acordo com dados da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura, o total de assinantes da TV fechada em relação a 2011 até o terceiro trimestre de 2014 subiu 6,8 milhões. Esse fator, com certeza, abriu espaço para que mais pessoas pudessem acompanhar de perto o esporte, já que, até o ano de 2012, não era possível assistir à transmissão da National Football League para canais abertos.

Evolução do número de assinantes de TV por assinatura



(Fonte: Associação Brasileira de Televisão por Assinatura)

Indicador	2014 3º Trim	2014 2º Trim	% Trim	2013 3º Trim	% Período
Assinantes TV por assinatura	19.473.354	18.992.801	2,5%	17.622.166	10,5%
Assinantes Banda Larga	7.334.006	7.309.671	0,3%	6.540.868	12,1%
Faturamento Total (incluindo publicidade)	R\$ 8.206.394.354	R\$ 8.019.520.850	2,3%	R\$ 7.134.007.177	15,0%
Faturamento com publicidade	R\$ 479.227.577	R\$ 557.661.989	-14,1%	R\$ 419.523.348	14,2%
Empregos Diretos e indiretos	117.325	114.935	2,1%	95.365	23,0%

Aumento dos assinantes de TV Fechada

(Fonte: Associação Brasileira de Televisão por Assinatura)

A NFL, como é conhecida a National Football League, é organizada em duas conferências: **NFC** (conferência nacional) e **AFC** (conferência americana), sendo que em cada uma delas há quatro divisões com quatro times cada, totalizando 32 equipes. Ao longo da competição, acontecem a pré-temporada, a temporada regular e as playoffs para, finalmente, chegar a um dos eventos mais esperados, senão o mais aguardado, dos americanos, o Super Bowl.



Equipes que participam das Conferências da NFL
(Fonte: Internet)

“O Super Bowl pra mim, é algo mágico, um espetáculo difícil de ser batido em diversos fatores. É uma data que eu e provavelmente milhões de pessoas esperamos o ano todo para assistir”, definiu o jogador de futebol americano de areia do Rio de Janeiro Sharks, Lucas Marques (23), que ainda completou: “O evento tem grande importância na popularidade do esporte. Só para termos ideia, durante o Super Bowl, quando aproximadamente metade de televisores norte-americanos está ligada no evento, são vendidos os comerciais mais caros do mundo na televisão. Há também a maior movimentação gastronômica dos Estados Unidos, e shows com presença de cantores consagrados mundialmente. Está mais do que claro que o evento eleva ainda mais a imagem do esporte não só dentro dos Estados Unidos, mas também, ao redor do globo”.

Denominado como o maior evento de mídia dos Estados Unidos, o Super Bowl, em 2015, negociou seu espaço comercial de 30 segundos, transmitido no intervalo, por mais de US\$ 4,5 milhões. Sem dúvidas, os patrocinadores não se arrependeram do investimento, pois o evento bateu um recorde histórico da TV americana, 114,4 milhões de telespectadores estavam atentos no dia 1º de fevereiro, na final entre New England Patriots e Seattle Seahawks, pelo canal NBC. Em média, cerca de 47,5% dos televisores americanos estavam sintonizados na final.

Dados estimados pelo “Lancenet” indicam que 180 países transmitiram a partida, em 30 idiomas. No mundo, a audiência atinge 169 milhões de pessoas. Para acompanhar o espetáculo de perto, no estádio, seria necessário desembolsar

US\$8,9 mil (quase R\$ 24 mil), na revenda no site da NFL, sendo que este era o mais barato, já o mais caro custou cerca de US\$54 mil (aproximadamente de R\$ 140 mil). Os valores não param por aí, afinal nada melhor do que comer e beber bem enquanto se assiste o Super Bowl. A Domino's Pizza calculou que para o evento seriam entregues em torno de 29 milhões de fatias de pizza. O ramo de bebidas alcoólicas também não ficou para trás, cerca de 50 milhões de latas de cerveja são comercializadas no dia. Toda essa comilança põe a data da final como o segundo maior em consumo de comida nos Estados Unidos, perdendo, apenas, para o feriado de Ação de Graças.

“É um "case" de sucesso que deveria ser copiado por todo mundo. O Super Bowl não é só um "jogo" bem organizado. É um evento de sete dias. Quando fui a Indianápolis, em 2012, havia mais de 200.000 visitantes na cidade, sendo que só cabem 60.000 no estádio. Isso porque há centenas de eventos na semana do Super Bowl - uma gigantesca festa, muito bem organizada. Mesmo quem não vai ao jogo se diverte e se envolve”, acrescentou Paulo Mancha.

Uma grande parte da audiência do Super Bowl é composta por fãs de futebol americano e o restante por admiradores do show do intervalo. Na última edição, durante 12 minutos, Katy Perry foi a atração principal do espetáculo que se tornou a maior vitrine do mundo da música desde que o falecido rei do pop, Michael Jackson, foi convidado para substituir bandas marciais e animadores locais, e com sua apresentação e seu famoso “Moonwalk” fez valer o ingresso e a audiência, em 1993, na Califórnia.



Anúncio Publicitário do show do Intervalo do Super Bowl
(Fonte: Site Oficial da Katy Perry)

Segundo a “Billboard”, Katy Perry alcançou 119,2 milhões de telespectadores, 3,9 milhões de pessoas a mais que Bruno Mars, que protagonizou o show do intervalo de 2014, conquistando, assim, uma abrangência que jamais conseguiria sozinha. Antes dela, passaram artistas e bandas consagrados como Diana Ross, Stevie Wonder, Aerosmith, U2, Paul McCartney, Rolling Stones, Prince, Bruce Springsteen, Madonna e Beyoncé.

O Berço do Futebol Americano

O aumento da popularidade despertou em muitos cariocas o desejo pela prática do futebol americano, tal qual confirma o wide receiver do Sharks, Lucas Marques.

“Hoje, vemos pessoas nas ruas e nos estádios de futebol com as blusas dos times. É lúcido afirmar que o esporte está estabelecido e, aparentemente, veio para ficar. Enxergo com imenso prazer e aprovação esse esporte democrático - onde todos os biotipos são "aceitos" - crescendo em nossa cidade”

O carioca soube dar a cara do Rio de Janeiro ao futebol americano, foi levando o esporte para as praias que ele se propagou ainda mais no Estado. Sem equipamentos apropriados para a prática do esporte na grama, a solução caiu como uma luva. A praia de Botafogo é utilizada como arena para os duelos, pois apesar de possuir um cenário de tirar o fôlego, o fato de o mar não ser apto para banhistas, torna o local perfeito para a prática do futebol americano. Os admiradores da paisagem ganham uma opção a mais para observar e, geralmente, os olhares curiosos passam do Pão de Açúcar, para os treinamentos e jogos que ali acontecem. A assessora de imprensa e jogadora do Cariocas F.A., Fernanda Pessanha (30), aponta que o esporte praticado nas areias serviu como um dos principais fatores de popularização.

“Hoje, o foco do futebol americano saiu do Rio e começa a se espalhar muito mais pelo Brasil. No supracitado Estado, todavia, ainda é tudo complicado demais, pois disputamos muito espaço com futebol. Aqui o esporte só se espalhou e ficou conhecido por causa da prática nas areias, que faz com que todo mundo que passe repare”.

Atleta de grama pelo Flamengo F.A. e de areia pelo Rio de Janeiro Sharks, Raffael Garcia (23) conta que com o aumento de fãs do esporte na Cidade Maravilhosa, o interesse pela prática também subiu.

“O crescimento está indo em uma curva exponencial. Hoje em dia, no Rio de Janeiro, a maioria dos times é composta por "novatos". Tenho um exemplo no time que jogo, Rio de Janeiro Sharks, onde mais de 50% do elenco é composto por jogadores que tem menos de dois anos de experiência”.

Em 2000, nasceu o principal campeonato de futebol americano de areia do Rio de Janeiro, o Carioca Bowl. Na sua primeira edição, apenas seis equipes participaram, eram elas: Reptiles, Mamutes, Leme Holes, RJ Guardians, Tijuca Night Hawks e o Barra Fire Birds.

“Já tivemos na cidade do Rio de Janeiro mais de 20 (vinte) times de futebol americano de praia jogando o campeonato estadual. Como o acesso aos equipamentos era difícil e o custo era alto, o esporte permaneceu apenas na areia por alguns anos”, contou o jogador do Sharks, Lucas Marques.

Atualmente, o Carioca Bowl conta com oito equipes. São elas: RJ Sharks, Ipanema Tatuís, Ilha Avalanche, Botafogo Mamutes, Piratas de Copacabana, Falcões, Rio de Janeiro Islanders e Cabo Frio Rocks. Três dos maiores times de areia não participam mais da competição (Reptiles, Red Lions e Titãs) assim, com dois títulos consecutivos – 2013 e 2014 – o Sharks se tornou o “dono” do Rio.

Parte do sucesso da competição merece ser creditada à Associação de Futebol Americano do Brasil (AFAB) que, até 2009, foi a organizadora. No tempo que esteve à frente, ela introduziu tabela fixa de jogos, padronizou uniforme para arbitragem e até qualificou atletas para executar a função de árbitro. No entanto, desde 2010, é a Federação de Futebol Americano do Estado do Rio de Janeiro (FeFARJ) que comanda o Carioca Bowl.

Outro dado interessante acerca da temática é o crescimento do número de equipes relacionadas ao esporte no Brasil que usam os equipamentos necessários e determinados pelas regras internacionais da NCAA (Associação Atlética Universitária Nacional). Em 2005, não havia equipes brasileiras com esse preparo. Este fato foi a primeira revolução, pois jogar futebol americano com full pad, ou seja, equipamento completo era algo de outro mundo, não só pelo valor para adquirir, mas por ter que importar todo o material. Mas, para Raffael Garcia foi uma mudança

necessária: “O full pad é muito importante, pois é a evolução para que o esporte se torne profissional aqui e no Brasil”.



O Full Pad

(Fonte: Internet)

Para Fernanda Pessanha, não houve um crescimento no futebol americano praticado na grama, mas sim uma “migração”, pois os que já jogavam na areia buscaram a profissionalização.

“O que aconteceu no Estado, de modo geral, foi uma mudança de interesses. Com os primeiros campeonatos full pads, o número de times começou a aflorar Brasil a fora, até que foi possível organizar um campeonato de clubes. No Rio (há uns seis a oito anos), só havia um time full pads (grama) e uns 12 a 15 de areia. Mas, com o full pads crescendo, o interesse pela grama também cresceu. Assim, a galera começou a migrar da areia para a grama, até que chegamos aos três times que temos hoje. Na areia restaram uns nove”, explicou.

Criado em 1999 por um grupo de amigos que visava apenas a diversão na praia de Botafogo, o Reptiles cresceu e conquistou uma hegemonia no Rio de Janeiro, se consagrando campeão do principal campeonato da categoria em sete oportunidades, sendo tetracampeão em 2002/2003/2004/2005, enquanto os demais

títulos do Carioca Bowl vieram em 2008, 2011 e 2012. No entanto, a equipe percebeu que para ser uma das melhores do país, ela deveria seguir o caminho natural e ir para a grama. Assim, em 2013, o Reptiles iniciou sua caminhada nas competições full pad e, no ano seguinte, anunciaram que iriam se retirar de vez das areias e direcionar suas forças na grama. A partir de uma parceria feita com o clube do Botafogo de Futebol e Regatas, o time mudou seu nome para Botafogo Reptiles e disputa a principal competição nacional, o Torneio Touchdown.

O primeiro time de futebol americano de grama do Rio de Janeiro foi o RJ Imperadores. Fundada em 2008, no bairro de São Cristóvão, a equipe não demorou a conquistar seu primeiro título, já em 2009 foi campeã do, até então inédito, Torneio Touchdown. No ano seguinte, o Fluminense Football Club oficializou uma parceria, fazendo com que o time trocasse de nome para Fluminense Imperadores. No ano de 2010, todas as equipes que disputaram o Torneio Touchdown 2009 debandaram para criar a Liga Brasileira de Futebol Americano (LBFA) devido a divergências. Campeonato este, que os cariocas levaram em 2011. Em 2013, no entanto, na página oficial da equipe foi feito o seguinte anúncio:

“Torcedores e Amigos,

Lamentamos informar que o Fluminense Imperadores está descontinuando as suas atividades esportivas no ano de 2013.

Agradecemos MUITO o apoio de todos vocês nesses 3 anos de existência da equipe!

Saudações Tricolores!”

Posteriormente, seria feita a última troca de nome, após o Clube de Regatas do Flamengo firmar parceria e anunciar o nascimento do Flamengo F.A.

O Vasco da Gama Patriotas surgiu da parceria entre o time Rio de Janeiro Patriotas, de futebol americano, e o Clube de Regatas Vasco da Gama. Em agosto de 2010, às vésperas da estreia do Torneio Touchdown, foi feito o anúncio da parceria com o C.R. Vasco da Gama. No mesmo ano, com uma boa campanha, os Patriotas chegaram à final da competição, mas acabaram perdendo o título. Em 2014, porém, o time chegou à decisão e conquistou o tão cobiçado Torneio Touchdown, após derrotar o Timbó Rex, de Santa Catarina, por um placar de 22 a 24. “O progresso veio com certa demora. Nós, como cidade, tínhamos um campeonato regional de praia, e hoje temos três equipes com parcerias com

grandes times jogando a liga nacional de grama. São elas o Botafogo Reptiles, Vasco Patriotas e Flamengo FA. É importante frisar que essas equipes atuam no mais alto patamar do nacional. O Vasco é o atual campeão, e Botafogo e Flamengo ficaram pelo caminho já nas fases finais. Talvez esse ano ou em 2016 tenhamos a estréia de mais um time carioca: o Madureira Mamutes”, completou Lucas.

A assessora de imprensa, Fernanda Pessanha, conta que o desejo de profissionalizar o esporte acabou dando fim às equipes femininas de areia (Vasco Big Riders, Fluminense Guerreiras e Botafogo Flames) e sobre o começo das equipes de grama.

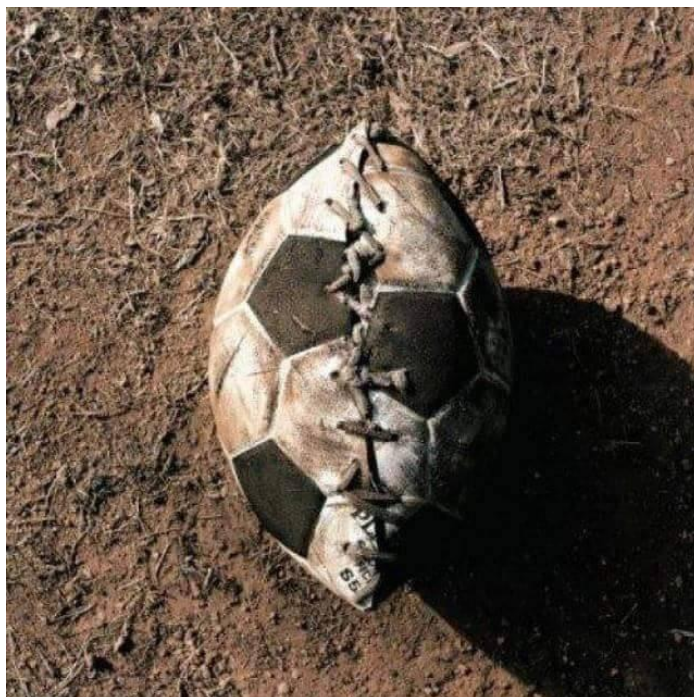
“Com o desenvolvimento do full pads, Botafogo e Fluminense se juntaram formando o Cariocas F.A, de 2013 para 2014. Com essa união, a equipe do Botafogo acabou e sobraram somente duas equipes. Portanto, o campeonato de areia chegou ao fim. A última edição foi a de 2013 (feminino). Em 2014, o Cariocas jogou apenas o full pads. Em 2015, o Vasco virou Vasco Patriotas (mesmo nome do masculino) e também entrou no campeonato de grama. Ou seja, na modalidade full pads temos 2 equipes: Cariocas F.A. (campeão brasileiro) e Vasco Patriotas.”

Pioneiras no Rio de Janeiro, Cariocas F.A. disputou o Torneio End Zone, que foi a primeira competição nacional feminina de futebol americano full pad e não se intimidou, foi campeão, derrotando, ou melhor, destruindo o Cuiabá Angels por 72 a 0.

Mesmo com todo progresso já citado, Paulo Mancha aponta a falta de organização e de um marketing apurado do futebol americano, para obter patrocínios como fatores que ainda tem muito a evoluir.

“Alguns times fazem isso bem, mas, na média, esse aspecto precisa melhorar muito. Também falta mais abertura da mídia especializada. Sempre digo: em nosso país, temos muitos "jornalistas de futebol" e poucos "jornalistas esportivos", criticou.

País do Football



O Football chegou para ficar
(Fonte: Internet)

No dia 31 de janeiro de 2015, a seleção brasileira entrava para a história, quando derrotou a seleção panamenha, no Panamá, e obteve a vaga para o Mundial, que será disputado em Ohio, nos Estados Unidos, em julho deste ano. Fato este, que alavancou o esporte em território nacional e chamou atenção da mídia, como confirma Fernanda Pessanha.

“Mais recentemente tivemos a ascensão da Seleção Brasileira e a sua iminente participação na sua primeira Copa do Mundo, além da contratação de uma assessoria de imprensa pela CBFA, o que faz aumentar muito o número de matérias espalhadas sites e televisões afora”.



Arte de anúncio da partida
(Facebook Oficial Brasil Onças)

Já em abril, quando foi divulgada a lista de convocados do Brasil Onças para a competição, mais uma vez o Rio de Janeiro mostrou sua força no esporte, obtendo o maior número de nomes de atletas que atuam em solo carioca na convocação, sendo 13, em um total de 45.

A seleção está no grupo B, juntamente com França, Austrália e Coréia do Sul. No outro grupo estão Estados Unidos, México, Japão e Canadá. Talvez o Brasil Onças possa fazer história novamente, voltando com o título do Mundial, mas acima de tudo honrando o hino brasileiro “Verás que um filho teu não foge à luta”.

**APÊNDICE B -
ENTREVISTA
Paulo Mancha**

1 - Quando e como o Futebol Americano chamou a sua atenção?

PM: Comecei a virar fã em meados dos anos 90, quando a ESPN chegou ao Brasil e começou a transmitir em português. Aí ficou mais fácil entender as regras e a mecânica, e assim o esporte se tornou apaixonante.

2 - Quais motivos te influenciaram a se especializar no assunto?

PM: Adoro tática e estratégia - e o futebol americano tem isso de monte. Sem falar na organização - a NFL é a melhor liga esportiva do mundo nesse quesito. Não tem tapetão, virada de mesa, tribunal, briga, bagunça no calendário... nada disso!

3 - Atualmente o Brasil é o terceiro maior país em fãs da NFL, atrás apenas dos Estados Unidos e do México, a que você credita esse estrondoso sucesso?

PM: Primeiro, ao avanço da TV por assinatura. Segundo, à decepção com o nosso futebol. As pessoas estão cansando dessa monocultura esportiva em que vivemos.

4 - O crescimento da TV por assinatura está diretamente ligado ao aumento de popularidade do Futebol Americano no país? Por quê?

PM: Basicamente porque a TV por assinatura tem flexibilidade de grade horária para exibir o esporte. A ESPN, por exemplo, exibe 6 jogos da NFL ao vivo por semana. Dessa forma, quem nunca viu o esporte, uma hora acaba sendo fisgado enquanto troca de canal. E aí se apaixona. Numa emissora de TV aberta, isso seria impossível, pois o futebol americano disputaria horário com novelas, programas de auditório e jogos de futebol brasileiro.

5 - Você realiza palestras em que conta a história e a evolução do esporte. No Brasil, o que é preciso melhorar para que a prática cresça de maneira produtiva, visto que com a popularização houve um aumento de pessoas com interesse em praticar Futebol Americano?

PM: Falta organização, unificação das ligas rivais que existem hoje em dia e, principalmente, um marketing mais apurado do futebol americano como um todo, em busca de patrocínios. Alguns times fazem isso bem, mas, na média, esse aspecto precisa melhorar muito. Também falta mais abertura da mídia especializada. Sempre digo: em nosso país, temos muitos "jornalistas de futebol" e poucos "jornalistas esportivos".

6 - Os números que cercam o Super Bowl são inacreditáveis, seja de audiência, de comércio e até de renda. Como você enxerga esse evento que hoje é um dos maiores do mundo?

PM: É um "case" de sucesso, que deveria ser copiado por todo mundo. O Super Bowl não é só um "jogo" bem organizado. É um evento de 7 dias. Quando fui a Indianapolis, em 2012, havia mais de 200.000 visitantes na cidade, sendo que só cabem 60.000 no estádio. Isso porque há centenas de eventos na semana do Super Bowl - uma gigantesca festa, muito bem organizada. Mesmo quem não vai ao jogo se diverte e se envolve.

**APÊNDICE C -
ENTREVISTA
Fernanda Pessanha**

1 - Como você conheceu o Futebol Americano e quando começou a praticá-lo?

F: A resposta que, normalmente, as pessoas dariam a esta pergunta seria: jogava “fantasy” no vídeo game ou assistia NFL e meu sonho era praticar o futebol americano. A minha experiência com o esporte, entretanto, foi diferente. Eu comecei a praticá-lo por causa do rugby, até tinha noção do que era futebol americano, no entanto, não assistia ao jogo. Só sabia o que era porque já tinha ido aos Estados Unidos. A minha relação com o jogo começou na época que eu estudava educação física na UERJ. Lá tinha uma galera do Niterói rugby que ensinava os alunos a jogar rugby touch nos intervalos das aulas da faculdade. Então, gostei do esporte e fui procurar um time no Rio. Com a procura, achei um que estava começando a jogar futebol americano na Barra e pensei: “ah, deve ser quase a mesma coisa!”. A partir de então, entrei em contato com a equipe e fui treinar. Descobri, com a prática, que não era a mesma coisa do rugby, mas acabei me interessando na descoberta do esporte. Comecei, então, a jogar futebol americano no Harpias, equipe feminina do conhecido Falcões, em 2005. Um ano depois, o Harpias acabou e nós resolvemos nos juntar com o Mamutes e fizemos o Barra Flames que, em 2009, fez acordo com o Clube Botafogo e virou Botafogo Flames.

2 - Você já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito por praticar o esporte? Se sim, você acha que com a popularização do Futebol Americano houve uma melhora no julgamento das pessoas que se demonstraram contra?

F: Pessoalmente, não considero que já tenha sofrido algum preconceito, não diretamente, pelo menos. Nunca fui julgada por isso. O máximo que falam para mim (as pessoas que me conhecem) é que eu sou bruta. E quando alguém desconhecido ou mais velho descobre que eu jogo, a reação é ficar espantado e falar: “nossa, mas você magrinha desse jeito joga esse esporte bruto?” “Você não é esmagada?” “Nossa, você é louca?” “Não tem medo?” Mas sei que algumas pessoas já sofreram

com preconceito. Por exemplo: tem homem que não entende, pois logo que começa a sair com alguma menina que joga, fala que a mulher deles não pode confabular com esse esporte e não compreende o treino aos sábados, há, ainda pessoas que acham que todas as mulheres que jogam são lésbicas. Existe, também, gente que acha o esporte violento demais, que acha que é só pancadaria, que não tem falta, enfim. Em resumo, acho que, na verdade, nós nem sofremos tanto preconceito por sermos mulheres, acho que o preconceito existe com o esporte de maneira geral, para ambos os sexos. O futebol americano ainda é muito desconhecido pelas pessoas no Brasil e o pouco que elas conhecem passa a ideia de um esporte bruto, violento, agressivo, sanguinário, onde todos os jogadores têm concussões. Já ouvi até que o futebol americano era igual ao MMA. E o que torna essa ideia ainda mais difícil de se mudar, é que não é um esporte simples de se entender nem de explicar, então as pessoas leigas não têm paciência para assistir ou aprender. Acredito que a partir do momento que as pessoas passam a conhecê-lo melhor, elas percebem que o futebol americano não é esse monstro que pintam. A popularização do esporte tem, sem dúvida, colaborado para diminuir o preconceito e creio que a tendência seja melhorar cada vez mais. Quando as pessoas param para analisar e para entender, percebem que o futebol americano é mais próximo do xadrez do que do MMA.

3 - Como você enxerga o crescimento do esporte no Rio de Janeiro? Com o aumento de popularidade mais mulheres tem se prontificado a jogar?

F: Chego a me arriscar que tivemos até uma queda em números depois de 2011 em relação a prática do esporte no Rio de Janeiro. O que aconteceu no Estado, de modo geral, foi uma mudança de interesses. O campeonato de praia crescia no Rio de Janeiro e na região Nordeste. Com os primeiros campeonatos full pads, o número de times começou a aflorar Brasil a fora, até que foi possível organizar um campeonato de clubes. No Rio (há uns 6 a 8 anos), só havia um time full pads (grama) e uns 12 a 15 de areia. Mas, com o full pads crescendo, o interesse pela grama também cresceu. Assim, a galera começou a migrar da areia para a grama, até que chegamos aos 3 times que temos hoje. Na areia restaram uns 9. Então, na verdade, não houve crescimento em números, mas sim uma migração. O que

ocorreu, foi um crescimento no sentido de maturidade, estrutura, apoio de clubes de futebol, legalização da federação do Rio de Janeiro. No feminino foi a mesma coisa. A gente jogava na areia um campeonato que chegou a ter uns 6 times, mas desde de 2011, só tinham 3: Botafogo, Fluminense e Vasco. A maioria queria migrar pro full pads (sonho de todo jogador de futebol americano), mas nenhum time tinha condições. Primeiro, em 2010 ou 2011, tentamos fazer um torneio de seleções, onde só participaram Cuiabá e seleção carioca. Nos anos seguintes, tentamos fazer mais, no entanto, não havia outras equipes, logo, continuávamos na areia. Até que em 2014, pela primeira vez, outros times femininos se firmaram pelo Brasil e conseguimos começar um campeonato. Então, as equipes de areia do Botafogo e do Fluminense se uniram e formaram o Cariocas F. A. O campeonato teve apenas 3 times, mas graças a ele, houve o surgimento de novas equipes no Brasil e, em 2015, teremos um campeonato já com 5 participantes, com outras em desenvolvimento. No Rio, o Vasco futebol americano migrou também da areia para a grama. Tanto o Vasco como o Cariocas, conseguiram muitas jogadoras novas esse ano, o que prova que a popularização do esporte tem sim ajudado a gente, mas acho que isso é muito mais visível nos outros Estados, onde não havia nada de futebol americano feminino e hoje já tem times inscritos no campeonato. Um belo exemplo disso, é o Aracaju Alfas, que surgiu em 2012/13 e já competiu em 2014. A adesão das mulheres pelo esporte cresceu sim, mas ainda continua muito baseada na propaganda boca a boca e no “leve sua amiga” para treinar.

4 - O futebol americano enfrenta dificuldades para se afirmar no Brasil e no Rio, mas na temporada passada o Cariocas F.A. conquistou o título nacional (Parabéns), e algumas matérias a respeito da equipe apareceram pela mídia. Acha que isso ajudou de alguma forma nessa afirmação do esporte no Rio de Janeiro e para um maior reconhecimento da modalidade praticada por vocês?

F: O Rio de Janeiro, na verdade, não precisa se afirmar. O que falta é as pessoas entenderem que existe vida além do futebol tradicional. Com certeza, quanto mais divulgação do esporte na mídia, melhor, pois, sendo o esporte cada vez mais massificado, ele passa a ser mais conhecido, melhor compreendido, o que ajuda na quebra alguns paradigmas. Além disso, ajuda na captação de novos atletas e mexe

com o imaginário das crianças, que já começam a pensar nisso desde cedo. E nesse ponto, nós, mulheres, sempre levamos vantagem, pois devido aos estigmas de a mulher ser o sexo frágil e o esporte ser violento, os veículos de imprensa e, principalmente, a televisão sempre se interessaram mais pelo feminino do que pelo masculino. Pode ver que o Botafogo Flames e o Cariocas F. A. têm muitas matérias. Cheguei a conversar uma vez com um pessoal que conheceu o futebol americano através da matéria do Cariocas que saiu no Globo Esporte. O único time que eles conheciam era o nosso. Além disso, o Botafogo Flames foi a primeira equipe (entre o masculino e feminino) a fechar parceria com um clube grande da primeira divisão (antes já tinha existido o America). A vasta divulgação do esporte ajuda no reconhecimento do futebol americano e no fato de provar que mulheres também tem condições de jogar. A ideia de que temos espaço para todos os biotipos também se espalha e, cada vez mais, menos as pessoas têm a ideia que de gordinhas não podem praticar esporte, de que as magrinhas serão esmagadas, que para jogar tem que ser atlética e rápida, etc. Quanto mais essa ideia é transmitida, mais pessoas procuram o esporte. Agora, ultimamente, o interesse da mídia pelo futebol americano tem crescido, principalmente, pelo masculino, que não tinha quase nada. Isso começou depois que começaram a surgir as equipes ligadas a clubes como o Botafogo, Flamengo, Vasco, Corinthians, Lusa, entre outros. Daí, vieram os clássicos, tipo Flamengo e Vasco, o que acabou por despertar mais interesse. Mais recentemente tivemos a ascensão da Seleção Brasileira e a sua iminente participação na sua primeira Copa do Mundo, além da contratação de uma assessoria de imprensa pela CBFA, o que faz aumentar muito o número de matérias espalhadas sites e televisões afora. Todo ano são publicadas matérias mostrando como tem crescido o número de fans da NFL no Brasil, que hoje é o terceiro país do ranking, e isso tem chamado a atenção de todos, até fora do Brasil. Hoje, o foco do futebol americano saiu do Rio e começa a se espalhar muito mais pelo Brasil. No supracitado Estado, todavia, ainda é tudo complicado demais, pois disputamos muito espaço com futebol. Aqui o esporte só se espalhou e ficou conhecido por causa da prática nas areias, que faz com que todo mundo que passe repare. Em cidades menores como, por exemplo, Cuiabá, Paraíba, onde o futebol é bem mais fraco, o futebol americano vem tomando proporções inimagináveis e até conseguindo estruturas muito boas para seus times e jogos. Em Cuiabá, o futebol americano já

leva mais gente ao estádio do que o futebol. No entanto, continuam tendo que brigar com os dirigentes cabeça-dura do esporte bretão. Na Paraíba, qualquer notícia sobre a Seleção Brasileira e sobre os jogadores das equipes de lá, os jornalistas querem publicar no impresso e fazem nota para televisão, enquanto no Rio a gente sofre para por uma nota no site. Na televisão então, quase impossível e quase sempre tem que ter um personagem com uma história triste. Então, o que eu acho, na verdade, é que fora do Rio o esporte tem despontado e vem sendo ajudado pela mídia, enquanto aqui, o esporte já é grande, mas é omitido pela mídia, que insiste em tratar o futebol americano como um submundo.

5 - Quantos times femininos de futebol americano (Grama e Areia) existem no Estado e quais são as principais competições por temporada?

F: Tínhamos no Estado 3 equipes de areia, como disse acima: Vasco Big Riders, Fluminense Guerreiras e Botafogo Flames. Mas, com o desenvolvimento do full pads, o Botafogo e o Fluminense se juntaram formando o Cariocas F.A, de 2013 para 2014. Com essa união, a equipe do Botafogo acabou e sobraram somente duas equipes. Portanto, o campeonato de areia chegou ao fim. A última edição foi a de 2013 (feminino). Em 2014, o Cariocas jogou apenas o full pads. Em 2015, o Vasco virou Vasco Patriotas, (mesmo nome do masculino) e também entrou no campeonato de grama, que começa em Julho. Outra modalidade que também se desenvolveu a partir de 2012 foi o Flag Football (modalidade de futebol americano sem contato), onde o Vasco e o Fluminense ainda jogam, mas a nível nacional. Ou seja, atualmente não temos mais campeonatos cariocas, todas as equipes disputam apenas campeonatos brasileiros, sendo que na modalidade full pads temos 2 equipes: Cariocas F.A. (campeão brasileiro) e Vasco Patriotas. As competições são o Torneio Endzone, que é o brasileiro de full pads e o Circuito Nacional de Flag Football 5x5. Muitas das jogadoras de futebol americano também jogam pela seleção brasileira de Flag Football (que é a única modalidade constelação no feminino). Jogamos a Copa do Mundo de Flag Football em 2012 e 2014.

**APÊNDICE D -
ENTREVISTA
Raffael Silva**

1 - Como você conheceu o Futebol Americano e quando começou a praticá-lo?

R: Conheci o futebol americano através de um amigo, Ival Maziero, que sempre me chamava para jogar. Até que em 2009 eu comecei a praticar o esporte.

2 - Morando na cidade do Rio de Janeiro, cuja maior influência é o futebol e o futevôlei, por que escolheu ser atleta de Futebol Americano?

R: Escolhi o esporte porque nunca fui muito bom com a bola no pé, pra falar a verdade sou um desastre jogando futebol.

3 - Como você enxerga o crescimento da prática do esporte na Cidade Maravilhosa?

R: O crescimento está indo em uma curva exponencial. Hoje em dia, no Rio de Janeiro, a maioria dos times são compostas por "novatos". Tenho um exemplo no time que jogo, Rio de Janeiro Sharks, onde mais de 50% do elenco é composto por jogadores que tem menos de 2 anos de experiência.

4 - Quais são os principais torneios que os times elites do Rio de Janeiro disputam por temporada? Seja na areia, como o Sharks, ou na grama, como o Flamengo FA? O que você destaca de positivo e negativo nessas competições e o que poderia melhorar?

R: O Rio de Janeiro Sharks disputa o Carioca Bowl, campeonato carioca de futebol americano de praia, o Saquarema Bowl e o Costa Verde Bowl.

5 - A NFL possui apenas um brasileiro, Cairo Santos, que atua no Chiefs. Você acredita que ele possa ser uma inspiração para os novos atletas do Brasil? Ademais,

crê que o mesmo tenha ajudado na popularização do esporte no País? Quais os motivos?

R: Com certeza ele é uma inspiração para os jogadores brasileiros. Hoje em dia vemos cada vez mais atletas indo jogar nas ligas de College e High School nos Estados Unidos. Acredito que sim, porque como ele conseguiu chegar a NFL os jogadores que estão começando agora com seus 15 anos acreditam que um dia podem chegar lá também

6 - Você considera importante o Full Pad? Por que?

R: O full pad é muito importante, pois é a evolução para que o esporte se torne profissional aqui no Brasil.

**APÊNDICE E -
ENTREVISTA
Lucas Marques**

1 - Como você conheceu o Futebol Americano e quando começou a praticá-lo?

L: Conheci através do meu irmão. Ele tinha 16 anos, e eu tinha 12. Comecei a praticar em 2004 ainda sem poder jogar, pois na época só aceitavam no Carioca Bowl (campeonato estadual de futebol americano de praia) jogadores com 16 anos ou mais. Era muito frustrante, mas ao mesmo tempo eu compreendia.

2 - Morando na cidade do Rio de Janeiro, cuja maior influência é o futebol e o futevôlei, por que escolheu ser atleta de Futebol Americano?

L: Desde que me entendo por gente, sempre assisto esportes na televisão, seja golfe, natação, futebol, basquete... Não era diferente com o futebol americano. Sempre fui fascinado com o esporte, pois junta capacidade física com inteligência, apesar de as primeiras impressões não demonstrarem isso.

3 - Como você enxerga o crescimento da prática do esporte na Cidade Maravilhosa?

L: Já tivemos na cidade do Rio de Janeiro mais de 20 (vinte) times de futebol americano de praia jogando o campeonato estadual. Como o acesso aos equipamentos era difícil e o custo era alto, o esporte permaneceu apenas na areia por alguns anos. O progresso veio com certa demora. Nós, como cidade, tínhamos um campeonato regional de praia, e hoje temos 3 (três) equipes com parcerias com grandes times jogando a liga nacional de grama. São elas o Botafogo Reptiles, Vasco Patriotas e Flamengo FA. É importante frisar que essas equipes atuam no mais alto patamar do nacional. O Vasco é o atual campeão, e Botafogo e Flamengo ficaram pelo caminho já nas fases finais. Talvez esse ano ou em 2016 tenhamos a estréia de mais um time carioca: o Madureira Mamutes.

Hoje, vemos pessoas nas ruas e nos estádios de futebol com as blusas dos times. É lúcido afirmar que o esporte está estabelecido e aparentemente veio para ficar.

Enxergo com imenso prazer e aprovação esse esporte democrático - onde todos os biotipos são "aceitos" - crescendo em nossa cidade, destacando sempre a importância de se usar equipamentos necessários e a correta técnica, pois só assim a prática se torna segura.

4 - Como você vê o espetáculo que é o Super Bowl? Na sua opinião o evento ajuda na popularidade do esporte?

L: O Super Bowl pra mim, é algo mágico, um espetáculo difícil de ser batido em diversos fatores. É uma data que eu e provavelmente milhões de pessoas esperamos o ano todo para assistir. O evento tem grande importância na popularidade do esporte. Só para termos ideia, durante o Super Bowl, quando aproximadamente metade dos televisores norte-americanos estão ligados no evento, são vendidos os comerciais mais caros do mundo na televisão. Há também a maior movimentação gastronômica dos Estados Unidos, e shows com presenças de cantores consagrados mundialmente. Está mais do que claro que o evento eleva ainda mais a imagem do esporte não só dentro dos Estados Unidos mas também ao redor do globo.

5 - Qual jogador da NFL lhe serve como inspiração? Por que?

L: Ray Lewis, que aposentou em 2013 ao ser campeão do Super Bowl XLVII. Ao praticar o esporte comecei a ter uma visão diferente das coisas. Mesmo que para milhões de pessoas não signifique nada, quando meu time entra/entrava em campo, era muito intenso. Aprendi que a vida real pode sim ser igual à filmes, o "impossível" pode acontecer, basta você acreditar. Era isso que Ray Lewis pregava todo jogo. Como capitão sempre achei que ele deixava o coração em campo e de alguma maneira levava os companheiros a fazer o mesmo. Podemos levar esse exemplo de vontade e superação não só pro futebol americano, mas para a vida.